



Jogo de força

França ameaça com sanções e Turquia limita exportação de produtos a Israel

— Pressão internacional sobre governo israelense aumenta, com franceses pedindo entrada de mais ajuda humanitária no enclave e turcos exigindo cessar-fogo imediato

PARIS

A pressão sobre Israel aumentou ontem, após a França ameaçar impor sanções e a Turquia declarar a suspensão das exportações de vários produtos para o país. Na semana passada, o presidente dos EUA, Joe Biden, havia pedido uma mudança na abordagem israelense no conflito. Ontem, Biden renovou sua pressão sobre o primeiro-ministro Binyamin Netanyahu, dizendo que ele está cometendo um erro em Gaza e fez um apelo urgente para que Israel aceite um cessar-fogo.

O chanceler da França, Stéphane Séjourné, sinalizou que Paris poderia punir Israel para forçar o país a permitir a entrada de mais ajuda humanitária na Faixa de Gaza. “Sanções permitiriam que a ajuda humanitária atravessasse os postos de controle”, disse Séjourné, lembrando que foi a França o primeiro país da União Europeia a propor sanções aos colonos israelenses na Cisjordânia.

A preocupação da França é com a ameaça de fome generalizada. Segundo relatório da ONU, o número de desnutridos quase duplicou desde dezembro em Gaza. Israel afirma que não está bloqueando a entrada de ajuda humanitária e culpa as ONGs e o Hamas por falta de organização.

Já o governo turco saiu do campo da retórica e restringiu



FATIMA SHBAIR/AP-8/4/2024

Palestinos voltam a Khan Yunis após semanas de bombardeios de Israel: destruição na Faixa de Gaza

a exportação de produtos israelenses de 54 categorias diferentes até que um cessar-fogo seja declarado em Gaza. Segundo o Ministério do Comércio da Turquia, as restrições incluem ferro, aço e equipamentos de construção. A Turquia exportou para Israel US\$ 5,4 bilhões em 2023, 2,1% de suas exportações totais.

O anúncio ocorre após Israel negar o pedido turco para enviar ajuda humanitária para o enclave palestino pela via aérea. Diversos países do Ocidente como EUA, França e Espanha já fazem isso desde o mês

passado. Israel respondeu, dizendo que vai boicotar produtos turcos e pedir aos EUA que façam o mesmo.

Boicote
Turquia exportou para Israel US\$ 5,4 bilhões em 2023, 2,1% de suas exportações totais

Enquanto isso, as negociações para um cessar-fogo continuam no Cairo. O Hamas informou ontem que está examinando uma proposta de trégua

de várias semanas em Gaza e a libertação de reféns israelenses em troca de prisioneiros palestinos, apesar da rejeição de algumas de suas exigências.

Após seis meses de conflito, os mediadores de Catar, Egito e EUA apresentaram uma proposta de trégua temporária em três etapas. A primeira contempla um cessar-fogo de seis semanas para permitir a troca de reféns em poder do Hamas por prisioneiros palestinos em Israel.

ACORDO. A trégua seria de seis semanas e os reféns libertados seriam mulheres e crianças israelenses.

lenses que estão com o Hamas, em troca de até 900 prisioneiros palestinos. O acordo permitiria ainda o retorno dos civis deslocados ao norte de Gaza e a entrada de 500 caminhões de ajuda por dia no território.

No fim de semana passado, quando a guerra completou seis meses, Israel anunciou que retirou suas forças da cidade de Khan Yunis, para permitir o descanso dos soldados e preparar a próxima fase da guerra, que inclui uma incursão na cidade de Rafah.

Netanyahu afirmou, sem revelar qual é, que uma data já foi estabelecida para o ataque a Rafah, onde 1,5 milhão de palestinos deslocados pela guerra estão aglomerados. Potências estrangeiras e organizações humanitárias pedem que Israel desista da operação, pois temem um grande número de civis mortos.

Netanyahu e seus comandantes, no entanto, insistem que o local é o último reduto do Hamas em Gaza e uma ofensiva é necessária para completar a vitória contra o grupo.

A guerra começou no dia 7 de outubro, quando terroristas do Hamas invadiram o território israelense, mataram 1,2 mil pessoas e sequestraram 240. Após o ataque, o Exército israelense iniciou uma operação com bombardeios aéreos e invasão que deixou mais de 33 mil mortos, segundo o ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas. ● NYT e AFP

Irã arma Cisjordânia contra avanço israelense

NOVA YORK

O Irã está operando uma rota de contrabando pelo Oriente Médio, empregando agentes de inteligência, militantes e gangues criminosas para entregar armas aos palestinos na Cisjordânia, de acordo com autoridades dos EUA, de Israel e iranianas. O objetivo é desestabilizar Israel, inundando o território com o maior número possível de armas.

A operação secreta aumenta as preocupações de que Teerã esteja buscando transformar a Cisjordânia no próximo ponto de conflito, após o ataque israelense a um complexo da embaixada iraniana na Síria, que matou sete militares iranianos, incluindo membros da Guarda Revolucionária.

O jornal *The New York Times* entrevistou altos funcionários com conhecimento da estratégia do Irã para contrabandear armas para a Cisjordânia, in-

cluindo israelenses, três iranianos e três americanos – que pediram anonimato.

Há muito tempo, Teerã fornece armas a militantes para atacar Israel em outras regiões, incluindo seus dois principais aliados palestinos na Faixa de Gaza: o Hamas e a Jihad Islâmica – ambos os grupos também operam na Cisjordânia.

MUDANÇA. Afshon Ostovar, professor da Escola Naval e especialista no Exército do Irã, explicou que o país se concentra na Cisjordânia porque entende que o acesso a Gaza será limitado num futuro próximo. “A Cisjordânia será a próxima fronteira e se tornará um problema tão grande, se não

maior, do que Gaza”, disse.

O Irã e seus aliados usam duas rotas principais para levar armas à Cisjordânia. À medida que elas cruzam as fronteiras, passam por gangues, militantes extremistas, soldados e agentes de inteligência.

Estratégia
Há muito tempo, Teerã fornece armas a militantes para atacar Israel em outras regiões

Em uma das rotas, militantes apoiados pelo Irã levam as armas da Síria para a Jordânia. A partir daí, elas são transferidas para contrabandistas beduí-

nos, que levam as armas até a fronteira com Israel, onde são recolhidas por gangues e transportam para a Cisjordânia.

A segunda rota evita a Jordânia, levando as armas da Síria diretamente para o Líbano, disseram dois funcionários americanos. A partir daí, muitas das armas são contrabandeadas para Israel, onde gangues as recolhem e as transportam para a Cisjordânia.

A rota do Líbano é mais difícil, principalmente em razão da guerra em Gaza, porque a fronteira em que o Hezbollah opera é mais patrulhada, segundo Matthew Levitt, diretor do programa de contraterrorismo do Washington Institute for Near East Policy. ● NYT